

Congregação da Imaculada Conceição
e de São Luiz de Gonzaga
do

CURATO DA SÉ
(OUTRORA da PAROQUIA DE SANTA IFIGÊNIA)



EVOcando
o
PASSADO



SÃO PAULO
OF. GRAF. DO "LEGIONARIO"
1 9 4 0

ÍNDICE

	PAG.
I — Mons. João Evangelista Pereira Barros (cong. Dr. Arlindo J. Veiga dos Santos) 3	3
II — Reminiscências... — (cong. José da Silva Marret)	10
III — Esboço Histórico da Congregação Ma- riana de Santa Ifigênia (1909-1934 — cong. Dr. Aguinaldo Alves Ribeiro) ...	15

INDICE

Nihil obstat

S. Pauli, 9 martii 1940

Pe. L. Esteves

Imprimatur

Mons. Ernesto de Paula

Vig. Geral



MONS. JOAO EVANGELISTA PEREIRA BARROS

Fundador e 1.º Diretor da Congregação (1909 - 1919)



MONS. JOÃO EVANGELISTA PEREIRA BARROS

Tipografia e Litografia de Curitiba (1910)

Mons. João Evang. Pereira Barros

(Padre João)

ORIGENS

Na tradicional cidade cujo passado é cheio dos mais incritos florões de glória da Pátria Brasileira, assim nas manifestações espirituais como nos demais campos de atividade humana — TAUBATÉ — honra da Nacionalidade, nasceu a 4 de novembro de 1867 o varão que havia de ser mais tarde Mons. João Evangelista Pereira Barros, no mesmo ano em que, na mesma terra, vinha à luz o menino Duarte Leopoldo e Silva, seu amigo de infância e futuro colaborador na messe sagrada.

Interessante sem dúvida houvera de ser rememorar aqueles dias em que ambos os piedosos rapazes brincavam ou conversavam sem sequer suspeitar da missão a ser-lhes em época vindoura confiada na Igreja, em um dos maiores centros da Cristandade Universal. Longe não estará o dia no qual algum historiador de grande pulso cogite de pesquisar dados sobre a meninice do insigne primeiro arcebispo de São Paulo. Então exigirá o direito histórico seja focalizada juntamente a figura de João Evangelista Pereira Barros, de tal sorte se ligaram providencialmente as duas vidas, começadas e finadas juntas.

ESTUDOS

Entre os anos de 1878 e 1883, fez os estudos preparatórios nos seminários de São Paulo e Rio de Janeiro, não se ordenando no Brasil, visto como seu tio, Dom José Pereira da Silva Barros, sucessor do memorável e glorioso mártir Dom Frei Vital, no bispado de Olinda, ciente por certo das magníficas disposições do sobrinho, o mandou a seguir os cursos célebres da Universidade Gregoriana, onde deveria doutorar-se em Teologia e Direito Canônico, o que se não realizou em vista do mau estado de saúde.

Recebeu, pois, as ordens em Roma, na Basílica de São João de Latrão, aos 20 de dezembro de 1890, apressando-se a partir para a terra pátria, onde ia iniciar o seu fecundo apostolado sacerdotal que só terminaria quasi cincoenta anos mais tarde.

PRIMEIRAS FUNÇÕES SACERDOTAIS

Na sua viagem para o Brasil, honrou-se com a função efêmera de secretário do bispo que futuramente seria o Cardial Arcoverde. Em chegando ao Rio, seu tio, então bispo da diocese, o nomeou seu secretário, cargo que deixou para entrar na vida paroquial, como pro-pároco de Jacareí, em 1892, passando três anos depois a ser vigário de Sorocaba, quando era a cidade assaltada pela epidemia de febre amarela. Em 1897, o bispo de São Paulo, Dom Joaquim Arcoverde, nomeou-o reitor do Seminário Episcopal, onde acumulou a responsabilidade da cátedra de Teologia Dogmática e Moral, portando-se como verdadeiro mestre da disciplina a ele confiada, o que fez com que o bispo Dom Antônio de Alvarenga o distinguisse com as honras de Cônego Catedrático da Sé de São Paulo, a 20 de dezembro de 1899.

NA PARÓQUIA DE SANTA IFIGÊNIA

Parece que Deus estava preparando durante esses tantos anos, o seu humilde ministro para aquilo que havia de ser a sua melhor coroa de sacerdote devotado às glórias do Senhor e ao culto de sua Mãe Santíssima: o paroquiado de Santa Ifigênia, da qual foi nomeado vigário em 25 de abril de 1904, pois no ano anterior deixara a reitoria do Seminário. Em primeiro de maio desse mesmo ano, início do mês de Maria, tomou posse da nova função.

Apresentava-se o velho templo de Santa Ifigênia, em face do surto de progresso material da cidade, completamente aquém da sua qualidade de igreja central da Paulicéia, o que não fugiu à compreensão do zeloso Cônego Pereira Barros, "Padre João" como lhe chamavam nas rodas familiares. Abalançou-se, por conseguinte, à penosa obra de construir uma igreja nova à altura do porvir que se anunciava para o bairro.

E teve início a construção a 18 de dezembro de 1904. Bem sabia ele que o templo material, tabernáculo do Emanuel Eucarístico, se quer o mais digno e materialmente rico possível, como casa de Deus que é. Já, como Davi e Salomão, os próprios povos pagãos (aos quais resta por sem dúvida uma pouca da luz divina) fizeram dos templos de Deus e dos deuses falsos as mais pomposas demonstrações de opulência, como a significar todo o fervor com que pretendiam magnificar a divindade.

Em se preocupando justamente, porém, com a dignidade do templo material, não desviou o nosso cônego os olhos do mais precioso que viria a honrar a igreja: a formação de boas almas jovens, revestidas de todos os ornamentos de virtudes que são o gôzo do Senhor, a quem apraz estar com os filhos dos homens. A 19 de março de 1910, vencidas tôdas as trabalhosas etapas das mil dificuldades que se antolham em nossos meios a tais obras pias realizava-se o sonho do Vigário ardente: inaugurava-se a nova Matriz. Antes, todavia, da dedicação do templo ao Senhor, preparara o piedoso sacerdote um grupo de rapazes, com os quais, sob as bênçãos da Virgem Santíssima, fundou, a 21 de abril de 1909, a CONGREGAÇÃO MARIANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO E S. LUIZ GONZAGA, a primeira paroquial a fundar-se em São Paulo, e origem primacial do grande movimento mariano que se alastra por aí afora. Donde o poder-se conferir ao ilustre ministro do Senhor o título merecido (que aliás não somos os primeiros a lembrar) de "Pai das Congregações Marianas Paroquiais" em São Paulo. Vinha a novel associação pia, com as suas sábias regras, a inauguração dos Retiros fechados e as Páscoas Acadêmicas, trazer um contributo importantíssimo à renovação da vida espiritual dos meios masculinos, eivados então de invencível respeito humano, afastados dos sacramentos e incapazes de vencer a covardia moral que os jungia à canga do indiferentismo. Foi a C. M. um sôpro de vida nova na igreja nova, um exemplo edificante apto a arrastar as almas generosas que ansiavam por essa renovação da prática religiosa.

Razão era, pois, dissesse Dom Duarte em 1911:

"O vigário de Santa Ifigênia (cônego Pereira Barros) é uma das joias mais preciosas da coroa do Arcebispo e o que melhor tem sabido consolar-lhe o coração."

O Santo Padre Pio XI galardoou-lhe os méritos com as honras de Monsenhor Camareiro Secreto a 5 de agosto de 1912.

Completando a sua obra de transformação da alma da paróquia após haver-lhe transformado o templo de pedra, fundou a Pia União das Filhas de Maria, a qual arrebanharia para a boa causa a juventude feminina, que, emparelhada com a masculina, tomaria parte em todas as missões que os Ifigenistas levaram por São Paulo afora com o propósito de "instaurar tudo em Cristo".

Estavam as coisas nesse pé, quando se encerrou o vicariato do benemérito cura de Santa Ifigênia, cuja sucessão pedia um apóstolo à altura do que saía, afim de não sofrer solução de continuidade o proficuo andamento das obras. Mons. Pereira Barros, que já fôra na direção da C. M. eficazmente auxiliado por um sacerdote exemplar, o padre Luiz Gonzaga da Silva, teve um sucessor modelar no padre dr. Gastão Liberal Pinto, que aliava às virtudes sacerdotais um dinamismo raro, capaz de propellir ao mais conspícuo desenvolvimento que comportavam, as felizes realizações e indicações

do vigário precedente... "Deus autem dedit incrementum". Tudo avultou.

Por tudo quanto deviam ao fundador e amigo, nunca esfriou o devotamento e a gratidão dos Ifigenistas marianos àquele lhano sacerdote. Todos os anos, religiosamente, lá lhe ia uma comissão de congregados apresentar os cumprimentos da C. M., ou por ocasião do aniversário de S. Excia. ou pelo da Congregação. Os mais velhos, os fundadores, recordavam os tempos passados; os mais novos aprendiam a admirar o bondoso Fundador do sodalicio em que se iniciavam num culto especial à Virgem Nossa Senhora.

C A R A T E R

Quem quer que se invista numa autoridade (e a que a Ordem confere é tão soberana!) reveste como automaticamente algo de formidável que tende a afastar os tímidos e por vezes até os atrevidos. Era tal, porém, a simplicidade e lhaneza afável do "Padre João", que a ninguém a sua pessoa assombrava. Digno ministro do Senhor, tinha sólida a piedade, era casto em toda a aparência como o era na realidade, sendo entretanto de físico muito atraente, que dispunha já humanamente falando a praticar com ele. Nem se nos acoime de imprópria esta maneira de tratar um padre, quando se sabe que do próprio Jesus diziam a formosura, com a Escritura Profética, os mais austeros escritores sacros, tal qual aliás convinha à encarnação da Divindade. Era, pois, de natural formosura o nosso retratado. A formosura da virtude cristã e sacerdotal deu-lhe somente mais realce, honrando nele o clero brasileiro. Com as virtudes teológicas casaram em sua personalidade os inestimáveis dons do Espírito Santo, a humildade e a mansidão, pelo que não havia quem se arrecesse de chegar-se a ele. Foi este um dos segredos para agrupar em torno de si um afeiçoado pugilo de moços, núcleo da Marianidade Paulistana e da Ação Católica. Bem o vira Dom Duarte que, por sinal, o conhecia melhor do que todos nós. Alguém que igualmente privara de perto com o modesto hierarca da Igreja de Deus brinda-nos com este prestante testemunho: "Nós, que tão de perto conhecíamos o valor moral do venerando sacerdote paulista; nós que tanto nos orgulhávamos daquele raro conterrâneo, que renunciara posições notáveis, não quisera mesmo ser bispo, para se recolher ao ministério sacerdotal no silêncio dos presbitérios, e nas capelas dos mosteiros de religiosas, onde tudo é pureza, obediência e renúncias; nós que somos incorrigivelmente irreconciliáveis com os caracteres vulgares, seja no clero ou seja no laicato; nós, nos prosternamos junto do corpo morto de Monsenhor Barros, com profunda emoção, para beijar aquelas mãos santas que espalharam o bem, mãos que só trabalharam na Seara do Senhor." (J. Rodrigues — "O Estado de São Paulo").



DOM GASTÃO LIBERAL PINTO

D. D. Bispo de São Carlos — 2.^o Diretor da
Congregação (1919 - 1930)

DOIS GIGANTES LIGADOS PELAS ORIGENS E VOCAÇÃO

Duas vidas que quâsi simultâneamente dealbaram na mesma cidade das vistas alegres, juntas floriram nas leticias dos mesmos recantos amenos, irmanadas oraram as mesmas rezas e vozearam os mesmos cânticos sagrados, piedosas comungaram dos mesmos cálices, vieram ligar-se pela mesma vocação na Santa Madre Igreja os dois personagens que deram lustre imperecedouro à Arquidiocese paulopolitana: Dom Duarte Leopoldo e Mons. Pereira Barros. Deixada a paróquia de Santa Ifigênia e já descansado da pesada lide da cura dalmas em que se desvelara com fervoroso zêlo dando à Igreja um novo e grandioso templo e o serviço ativo de tantas almas ardentes, chamou-o o Arcebispo a um encargo mais penoso a seu lado. Leiamos a própria palavra oficial da Cúria Metropolitana:

"A 17 de maio de 1924, Dom Duarte nomeava-o pró-Vigário Geral e Provisor do Arcebispado, passando, desde então, naquelas funções e, mais tarde, nas de Vigário Geral a auxiliar o Arcebispo, no árduo govêrno arquidiocesano. Nele, como sempre, soube dar provas de notável tino administrativo e alta competência."

Foi nesse cargo espinhoso que teve oportunidade de assistir ao providencial e gigantesco avassalamento das Congregações Marianas na Arquidiocese, da sementinha que plantara em Santa Ifigênia e donde saíram, sob o comando do "Padre Gastão", os mais ardorosos propagandistas e realizadores do Congresso da Mocidade Católica, soberba parada da catolicidade nacional na cidade de São Paulo de Piratininga, atestando de par com a chama da piedade renascida a pujança de brasilidade tradicionalista que latejava nos corações da nossa gente. O Padre Visconti, S. J., bom e entusiasta, nomeado por Dom Duarte, dirige a Federação das Cs. Ms., recém-creada. A C. M. de Santa Ifigênia dá-lhe o primeiro Presidente, Dr. Paulo Dutra. Depois, vem o apostólico e vibrante Padre Cursino, dando boa conta da missão em que sucedia ao seu irmão jesuita, e impele triunfante para a frente o movimento.

O resto é história de hoje. Dispensa palavras e encômios.

Foi elevada à cifra de centos e milhares a quantidade dos que se recolham em retiro durante os dias carnavalescos, ao revés dos apenas quarenta que o Padre João congregava na cripta do seu templo.

*

PARA O CÉU

Ultimamente as doenças e a idade cobravam a um só tempo o seu tributo ao velho sacerdote. Com intervalos mais ou menos longos, a visita de Cristo pela dor lhe acentuava a lembrança, que sem-

pre teve presente, da viagem para os átrios eternos. Assistira à partida de muitos outros, como a daquele que lhe fôra coadjutor solícito, nos dias primeiros da vida da C. M. em Santa Ifigênia: o bondoso e ilustrado Cônego Luiz Gonzaga da Silva, que passou para o Céu na qualidade de Vigário na mesma paróquia em que muitos anos antes havia sido auxiliar.

Estava, pois, Mons. Pereira Barros — agora somente capelão do Mosteiro de Santa Teresa, das Carmelitas (Perdizes) — numa das crises, quando o foi visitar o seu caríssimo Dom Duarte que, alarmado com o estado mui precário da saúde do amigo, determinou por edital preces pelo restabelecimento do querido eclesiástico. Houve Deus por bem atender às orações, pois desta vez pôde ainda Monseñor levar o melhor contra a moléstia. Quem havia de partir primeiro seria o que primeiro viera à terra: breves dias ao-depois falecia o saudoso primeiro Arcebispo de São Paulo, que, como é do conhecimento geral, já então descarregara boa parte do seu grave múnus episcopal sobre o seu Bispo Auxiliar, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, o qual, dotado de cristã singeleza e afabilidade paternal, ia prestando o seu auxílio sob o confiante e atento olhar do velho Antístite.

Ninguém talvez foi mais abalado pelo triste sucesso do que Mons. Pereira Barros. Já não era na terra o seu maior amigo, o conterrâneo, o companheiro de infância, o seu alto confidente. Aquela visita ao doente fôra a despedida na terra. Quatro meses daí deixava este mundo Mons. Pereira de Barros. Duas datas 13 de novembro de 1938 — 18 de março de 1939.

SAUDADES DA C. M. DA IMACULADA E S. LUIZ GONZAGA

O homem põe e Deus dispõe. Fazemos nós, pobres homens, a nossa obrzinha, com boa vontade e visando atual ou virtualmente a Nosso Senhor, e Este nos abençoa com um "incrementum" que mal pensáramos. Quando havia o "Padre João" de cogitar de estar em 1910 entregando a Deus e à Igreja um templo que houvera de ser o Trono de Jesus Eucarístico na Adoração Perpétua que Dom Duarte estabelecería em São Paulo?! Mas assim foi. A C. M. fundada por Monsenhor teve de ceder gostosamente o passo e o lugar à passagem e à entronização do Divino Coração de Jesus, que Se dignou de pedir aos Ifigenistas este sacrificio. Foi, conseguintemente, abolir-se no Curato da Sé, em 23 de outubro de 1938, a C. M. da Imaculada e São Luiz Gonzaga... de Santa Ifigênia. Destarte, passou Mons. Pereira de Barros a ser o construtor do Trono de Jesus Eucarístico na Adoração Perpétua sapientíssimamente dirigida pelos Padres Sacramentinos, e a sua C. M. é a candidata natural a ser a Congregação da Catedral de São Paulo, a obra mestra e primor-darte

das realizações materiais do episcopado do grande Arcebispo que há pouco repousou no Senhor.

A C. M. de Santa Ifigênia, cujas festas tôdas de aniversário sempre timbraram em requerer a presença de Mons. Pereira Barros que, infelizmente, raro podia comparecer, celebrava com sua presença em 26 de abril de 1936 uma sessão de saudades (pois falecera o seu diretor Cônego Luiz Gonzaga da Silva), tomando a palavra em manifestação alusiva aos motivos da reunião alguns congregados, dos quais um antigo, o Dr. Moraes Andrade, fez com coração e arte o necrológio do sacerdote falecido e outros em louvor do fundador vivo. Com a sua característica singeleza falou Monsenhor dizendo da felicidade do seu coração no meio de seus filhos congregados. Foi o último contacto que teve com os seus congregados agrupados.

A 16 de abril de 1939 realizou-se, agora no Curato da Sé, uma sessão de saudades em homenagem à memória do fundador da Primeira C. M. Paroquial de São Paulo. Estavam presentes muitos dos congregados fundadores, presidindo a mesa, com o Presidente da C. M., congregado Ferrão, o sub-diretor Padre Vitorino Gândara Mendes representando o vigário e diretor, Padre Aguinaldo José Gonçalves (hoje cônego). Orou o congregado José Marret, com um sabor evocativo todo seu. A êle devemos as notas que vão apenas a este trabalho, seguidas do histórico relativo à gloriosa C. M. de Santa Ifigênia, a qual só tem que agradecer a Deus Nosso Senhor e à Virgem Imaculada tudo quanto pôde, com a graça divina, fazer pela Santa Igreja, a Pátria e, em especial, pela mocidade brasileira.

E, afinal, não pode deixar de ficar gravado aqui o atestado de devotamento, admiração e afeto que os congregados "ifigenistas" dedicam aos seus atuais diretores, ambos sacerdotes não só cultos e virtuosos, mas também afeitos ao trato com os moços, e a quem a gratidão jamais esquecerá: o Vigário, Cônego Aguinaldo José Gonçalves, e ao seu coadjutor, Padre Vitorino G. Mendes.

Honra aos mortos e justiça aos vivos.

Salve Maria!

Congregado Arlindo VEIGA DOS SANTOS

São Paulo, Novembro de 1939.

REMINISCÊNCIAS...

Igreja de Santa Ifigênia — velha e secular paróquia onde nasci, templo onde pela primeira vez recebi Jesús Sacramentado em meu coração de criança! Altares onde tantas vezes compenetrado ajudei o Santo Sacrifício da Missa; onde Dom José de Camargo Barros abençoou a união de meus venerandos pais; paróquia, enfim, da qual surgiram outrás mais, acompanhando o desdobramento vertiginoso de minha cidade natal...

Ocioso será dizer que não é meu intuito traçar aqui a história, nem tão pouco fazer a biografia do saudoso sacerdote que foi seu vigário durante tantos anos — Mons. Pereira Barros (o sempre querido "Padre João") — o qual, desaparecido embora da terra, continúa presente, entretanto, nas exuberantes manifestações de vida mariana que hoje empolgam a vida religiosa da cidade de São Paulo! Mais do que as palavras poderiam exprimir, dizem as suas obras. "Res, non verba" elas são realizações que atestam o quanto esse sacerdote insigne trabalhou com afan na seara do Senhor!

Assim, que sejam estas poucas linhas como que um pequenino traço de união entre os valiosos e pacientes trabalhos dos já veteranos congregados Drs. Arlindo Veiga dos Santos e Aguinaldo Alves Ribeiro, o primeiro com os seus elevados e justos conceitos sobre a personalidade sacerdotal de Mons. Pereira Barros; o segundo, coligindo os dados necessários ao histórico da Congregação Mariana da Imaculada Conceição, cujo trabalho, lido pelo autor, foi ouvido com muito agrado por ocasião das bôdas de prata de nosso sodalício.

✽

Mons. Pereira Barros (em cuja vida ha dois fatos que poucos saberão: conheceu pessoalmente Dom Bosco, hoje elevado à dignidade dos altares, com quem conversou; assistiu à audiência que o Santo Padre Leão XIII, de imperecível memoria, concedeu à peregrinação francesa, da qual fazia parte Santa Teresinha de Jesus), o nosso bom e simples "Pe. João" viveu sempre em cordial camaradagem com os seus congregados, aos quais considerava como filhos espirituais, e os queria como si fossem uma continuação de sua própria família; não exagero, era bem assim.

Todas as noites lá iam os congregados de N. S. da Imaculada Conceição manter animada e proveitosa palestra com o seu esclarecido Diretor.



CÓNEGO LUIZ GONZAGA DA SILVA

3.º Diretor da Congregação (1929 - 1936)

Genio alegre e prazenteiro, Pe. João chegava mesmo a tomar parte nos "passa-tempo" de seus congregados, e mais de uma vez empunhou a raqueta para jogar "ping-pong" com os seus jovens amigos. Levava-os depois à sua residência, ao lado da igreja; lá, então, improvisava-se um "assustado", em que se narravam casos, recitava-se, cantava-se... e por fim filava-se o gostoso "cafézinho" que a sua dedicada e boa família costumava servir aos congregados.

Existia na Congregação uma "schola cantorum" com vozes de escól e bem classificadas: 1.ª, 2.ª, 3.ª voz; formou-se também um corpo cênico, o qual levou à cena diversas representações no teatro do Liceu Sagrado Coração de Jesus. De maneira que, quando não havia ensaios de canto, realizavam-se geralmente ensaios de comédia; aliás, foi com uma daquelas representações (lembra-me bem: "O chalet à beira da estrada"), numa noite em que o Revmo. Conego Sebastião Leme, hoje nosso eminente Cardeal, realizou também uma esplêndida conferencia sobre o "espiritismo", — que a nossa Congregação conseguiu os recursos necessários para a impressão de seu primitivo e resumido manual, isto há quasi trinta anos.

Por tudo isso, muito atraente era o convívio dos congregados em nossa associação. Tão atraente era que os congregados aguardavam com impaciência a noite para o habitual "cavaco" de amizade, e cumpre acrescentar que não era descurado pelo nosso Diretor espiritual o cultivo da religião, a cuja pratica Mons. Pereira Barros sabia levar os congregados com o sorriso nos labios, com a suavidade de seu bondoso coração. Elle era todo alegria, e queria vêr também todos alegres ao redor de sua amavel pessoa; e sinal mui significativo do bem estar reinante era a espontanea assiduidade dos congregados aos atos religiosos de nosso sodalicio.

Si era a Congregação, por assim dizer, a continuação da familia de nosso estimado Diretor, era igualmente a sua casa um apêndice de nossos lares, sendo certo que para ali penetrarmos não era necessario anuncio prévio; bastava-nos saber si Pe. João estava, e, obtida resposta afirmativa, ingressava-se em busca do querido sacerdote, que com o maximo prazer acolhia os rapazes da Congregação; e causa comum com S. Revma. faziam as pessoas de sua captivante familia, de quem guardamos igualmente gratissimas recordações.

Em 1914 organisou a Congregação um campeonato de "ping-pong", talvez o primeiro no genero realizado em São Paulo, e no qual tomaram parte conosco a União Católica Sto. Agostinho, a Legião de S. Pedro e o Clube Orion, gremios esses hoje desaparecidos, havendo o campeonato findado com a vitória da turma da

Congregação. Pois bem, nos jogos realizados em nossa séde, eram invariavelmente preparados bolos e petiscos em casa de Pe. João, para serem servidos juntamente com o café no final da peleja, a qual de resto contava sempre com numerosa assistência, merecendo um destaque especial a entusiastica torcida da familia Pereira Barros em peso, cujos membros tudo nos facilitavam.

Possuía Mons. Pereira Barros uma chacarasinha situada nas proximidades de Guarulhos, e diversas vezes lá fomos em alegre excursão. Após o descanso do almoço, travava-se renhido jogo de futebol, acompanhado de muito tombo e fartas risadas. Ao cair da tarde, regressava a caravana em companhia de nosso amado Diretor, estabelecendo-se animada palestra entre os componentes.

E era desta fórma que, com desvelado carinho, ia o bom pastor conduzindo o rebanho de suas inexperientes ovelhas para os infaveis efluvios da religião, afastando-as das solicitações pecaminosas do mundo...

Mons. Pereira Barros fazia questão que celebrássemos anualmente, com solenidade, no dia 8 de Dezembro, a festa de nossa Santa Padroeira (efetuando-se na mesma data a posse da diretoria que acabava de ser eleita e a admissão de novos congregados), assim como, no dia 21 de Junho, a festa de nosso patrono secundario, São Luiz de Gonzaga (epoca essa em que havia mais uma recepção de congregados), cumprindo lembrar outrosim as festividades do aniversario de fundação de nosso sodalicio, a 21 de Abril.

Além da parte religiosa pela manhã (missa e comunhão geral), havia à noite a parte literario-musical, que constava de cantos finos, recitação de poesias seletas, de versos humoristicos e de "toadas caipiras"; tudo era feito com muito agrado da parte de Mons. Pereira Barros, o qual não regateava aplausos aos "artistas" de sua Congregação.

Afóra as datas mencionadas, eram ainda aproveitadas outras (como, p. ex., a data natalicia de nosso prezado Diretor, a 4 de Novembro), para as nossas festinhas intimas, a contento de todos.

E eis como em ambiente tão sadio foi, pouco a pouco, crescendo a tenra plantinha cultivada por Mons. Pereira Barros, que se tornou depois robusta arvore, com abundantes flôres de piedade mariana e frutos opimos de caridade vicentina!

Estimulados por Mons. Pereira Barros, era com muita satisfação que os congregados se entregavam ao cultivo da musica e dos canticos sacros.

De uma feita, nos transportes de seu entusiasmo, chegaram a cantar solene "Te-Deum", na matriz de Santa Ifigênia, em comemoração de um acontecimento extraordinario que não me ocorre agora. De outra feita encarregaram-se de cantar missa solene na matriz de Mogy das Cruzes, a convite do então vigario, o sempre lembrado Conego Luiz Conzaga da Silva, que por mais de dez anos

foi coadjutor de Mons. Pereira Barros, mantendo estreito convívio com os congregados, aos quais assistia com os tesouros de sua culta intelligência, de par com os dotes de seu magnanimo coração de virtuoso sacerdote (S. Revma. foi tambem mais tarde nosso zeloso Diretor, como vigario de Santa Ifigênia, no exercicio de cujo ministerio Deus o chamou para junto d'Ele; conservamos o seu nome com muito afeto em nossos corações, envolto nos crêpes de imorredoura saudade).

Diz o proloquio que "si não ha mal que sempre dure, tambem não ha bem que nunca se acabe". Em verdade, fomos um dia surpreendidos com a noticia de que o nosso estremecido Diretor, Pe. João, em breve nos deixaria, renunciando o vicariato de Santa Ifigênia. Noticia inverosimil! Deixar Mons. Santa Ifigênia? Não, não era possivel: o venerando sacerdote ali deveria acabar os seus dias, que Nosso Senhor haveria de permitir fossem ainda muito longos!

Mas, infelizmente, a noticia era verdadeira; assim ele tinha decidido, e nada conseguia demove-lo de sua resolução. Que fazer?!

Curtindo a dôr da inevitavel separação, deliberamos oferecer-lhe um album, em cujas primeiras paginas um de nós sintetisou em poucas, mas expressivas palavras, toda a profunda gratidão, o reconhecimento sincero de seus filhos espirituais, os congregados marianos de Santa Ifigênia!

E foi assim que vimos Pe. João partir... Partiu, como disse algures o poeta, deixando uma lagrima em cada canto, e em cada canto uma saudade!

Foi dignissimo sucessor de Mons. Pereira Barros, no cargo de vigario de Santa Ifigênia, quem hoje é illustre Bispo de São Carlos, Dom Gastão Liberal Pinto, a cuja atividade dinamica coube, entre outros encargos, ultimar o bello templo, o qual enriqueceu com lindas e sugestivas télas de arte e dotou de rico e magnifico orgão.

Queria o então Pe. Gastão que Mons. Pereira Barros, nessa ocasião domiciliado na Penha, fosse um dia prégar em sua antiga matriz.

Encarregou-me dessa missão, e lá fui convidá-lo. "Não posso" — foi a sua primeira resposta — e continuando: "E'-me muito penoso entrar na igreja de Santa Ifigênia!"

Envidei o maximo de meus esforços para que se dignasse aceitar o convite e, afinal, coadjuvado por membros de sua familia, logrei voltar de sua casa, depois de 11 horas da noite, levando cheio de contentamento a sua anuencia: Monsenhor iria prégar em Santa Ifigênia!

Na noite aprazada, por entre seus devotados amigos e congregados, entrava ele na sua querida igreja e subia logo mais ao

pulpito, naquele mesmo local onde, durante 15 anos, dirigira sua ardente palavra de fé aos seus inesquecíveis paroquianos...

Visitando Pe. João cerca de dois meses antes de seu falecimento, animei-o, dizendo que ainda se restabeleceria e iria assistir quiçá à festa de aniversário da Congregação, a 21 de Abril. Disse-me então aquela santa alma: "Sim, assistirei, mas lá do céu!"

E foi, sim, lá do céu que assistiu, não propriamente à festa, que não se realizou, mas, em meio de nosso sentido luto, ao transcurso do 30.º aniversário da sua, da nossa querida Congregação.

Finalizando estas breves e desataviadas linhas, recordações íntimas de um congregado veterano, é com prazer que transcrevemos a carta que Mons. Pereira Barros nos endereçou, quando lhe participamos a criação, em 18 de Abril de 1937, do novel Departamento de congregados casados de nosso sodalício, que, mercê de Deus, tem aumentado em número, bem preenchendo a sua finalidade.

São Paulo, Janeiro de 1940.

José da Silva Marret

CARTA ENVIADA POR MONSENHOR PEREIRA BARROS
por ocasião da fundação do Departamento de Casados da Congregação

J. M. J.

Meus caros amigos congregados de Santa Ifigênia:

Viva Maria!

Só Deus e a Mãe Santíssima sabem o orgulho cristão que de mim se apossa com essa bela notícia de vosso ofício, no qual me é noticiado o Departamento dos Congregados Casados. É mais uma iniciativa que germina da semente humilde e desinteressada que ha 28 anos foi pela Virgem Nossa Mãe lançada na sempre amada Paroquia de Santa Ifigênia.

A porcentagem dos frutos colhidos da nossa iniciativa já é tão grande e evidente que não podemos mais ter duvida alguma de que foi lançada a semente com as bênçãos de Deus e de Nossa Mãe celeste.

Pois com essa mesma benção ha de prosperar o que agora se tenta fazer como um complemento da grande obra mariana em São Paulo.

Podem contar com os meus aplausos e humildes orações aos pés da Virgem para que aos milhares também se ergam os socios da nova agremiação.

Do am.º sempre o mesmo

(a) MONS. PEREIRA BARROS



CÔNEGO AGUINALDO
JOSÉ GONÇALVES

Atual Diretor da Congregação

*Esboço Histórico da Congregação da Imaculada
Conceição, de Santa Ifigênia*

(1909 - 1934)

P R E A M B U L O

Duplo é o motivo para, neste grato instante, elevarmos a Deus o "Magnificat" dos nossos corações em festa, dando expansão às justas alegrias de nossos espíritos.

Pois na data de 21 de Abril não só transcorrem as bôdas de prata da fundação da Congregação Mariana de Santa Ifigênia, mas também comemóra a paróquia de Santa Ifigênia o 125.º aniversário de sua fundação.

E' a paróquia de Santa Ifigênia a mais velha de São Paulo, depois da Sé, merecendo a denominação de matriz das matrizes, visto como foi graças ao desmembramento de sua vasta circunscrição que tiveram origem várias das subseqüentes paróquias desta cidade.

Da mesma fórma, a Congregação da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia é o sodalicio mariano mais antigo de São Paulo, após a Congregação de São Gonçalo, erecta em 1897.

Mas, na realidade, é a Congregação Mariana de Santa Ifigênia a primeira congregação propriamente paroquial surgida em nosso meio, tendo-se tornado a "cellula mater" das florescentes congregações hoje existentes em quasi todas as paróquias desta Capital e em diversas do interior do Estado.

PARTE 1.ª

A FUNDAÇÃO

No desempenho da tarefa que nos foi cometida, passaremos a dar um esboço histórico sobre a vida da nossa Congregação, durante este primeiro quarto de seculo da sua existencia.

A nossa Congregação foi fundada quando a paróquia de Santa Ifigênia festejava o primeiro centenario de sua existencia, a 21 de Abril de 1909.

Foi instalada na Igreja de N. S. do Rosario, erecta no Largo do Paysandú, que servia nesse tempo à paróquia de matriz provisória, pelo fato de estar em obras o suntuoso templo de Santa Ifi-

gênia que hoje conhecemos, fruto do esforçado trabalho do Exmo. e Revmo. Mons. Pereira Barros.

A instalação da Congregação foi precedida por uma série de reuniões, realizadas na residência do Revmo. Vigário Pe. João, como era, e é, familiarmente, tratado Mons. Pereira Barros.

As reuniões, que precederam à instalação, além de presididas por Mons. Pereira Barros, eram também assistidas pelo digno coadjutor da paróquia, nessa época o Revmo. Pe. Aurelio Fraissat, e pelo Sr. Henrique José Cabello, nessa ocasião, e ainda por muito tempo, professor das Escolas Reunidas do Circulo São José.

As derradeiras reuniões realizaram-se no consistorio da Igreja de N. S. do Rosario, com a presença de 20 rapazes solteiros e católicos praticantes.

Constituíram eles a falange dos fundadores de nosso amado sodalicio, e eis os seus nomes: 1.º) Antonio Reimão Helmeister, 2.º) Francisco Nazareth de Vasconcellos, 3.º) Miguel Savignano, 4.º) Elpidio de Barros, 5.º) Phanuel Costa, 6.º) Fernando B. Cesar, 7.º) Manoel Nobrega de Almeida, 8.º) Antonio Maymone, 9.º) José da Silva Marret, 10.º) Arnaldo Werson, 11.º) João Ayres da Silva, 12.º) Adelino Hermeto Gomes, 13.º) Manoel Rubião Silva, 14.º) Alberto Marques, 15.º) Paulo Corrêa, 16.º) Arnulpho Pereira dos Santos, 17.º) Luiz do Amaral Cesar, 18.º) José Soares de Souza, 19.º) José Honorato Sob., 20.º) Manoel Péres.

Foi escolhida, para especial padroeira do novêl sodalicio, N. S. da Imaculada Conceição; foi ele, outrosim, colocado sob o patrocínio de São Luiz de Gonzaga.

A primeira diretoria ficou assim constituída: — Diretor: Revmo. Conego Dr. João Evangelista P. Barros; Auxiliar do Revmo. Diretor: Prof. Henrique José Cabello; Presidente: Antonio Reimão Helmeister; Secretario: Francisco N. Vasconcellos; Tesoureiro: Miguel Savignano.

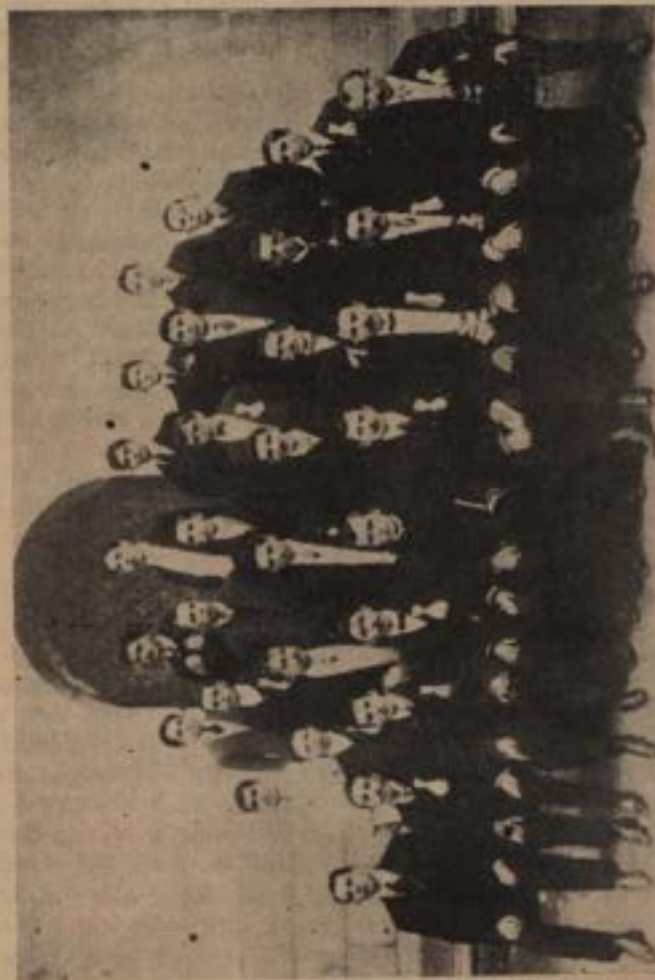
Dos congregados fundadores, faleceram alguns; outros, tendo tomado novo estado, passaram para a categoria de congregados por devoção.

Permanecem, todavia, até hoje, na vida ativa os prezados congregados Francisco N. Vasconcellos e José da Silva Marret.

Dentre os congregados ditos por devoção, não ha também quem não conheça o solícito Miguel Savignano, que até o presente frequenta os nossos atos.

A cerimonia de instalação de nosso sodalicio mariano deu-se às 14 horas, mais ou menos, do dia 21 de Abril, e transcorreu com a máxima solenidade, segundo se depreende da primeira ata lavrada; reza a ata que compareceram à cerimonia muitas pessoas da paróquia de Santa Ifigênia.

Estava, dest'arte, canonicamente erecta a Congregação da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia.



Mons. Pereira Barros e os seus primeiros congregados

Resolveu-se que todos os congregados fundadores comporiam o Conselho da Congregação.

O grupo de congregados fundadores foi logo acrescido com a entrada dos seguintes primeiros candidatos: 1.º) Carlos de Moraes Andrade, 2.º) Lino Reimão Helmeister, 3.º) Celi de Carvalho Toledo Martins, 4.º) Horacio de Carvalho Toledo Martins, 5.º) Mario de Moraes Andrade, 6.º) José Pereira Vieira, e 7.º) Joaquim Victor da Costa.

Foi igualmente muito solene a recepção destes primeiros candidatos, realizada na festa do nosso patrono secundario, São Luiz de Gonzaga, a 20 de Junho de 1909.

Prégou eloquente sermão, nessa cerimonia, o eminente orador sacro Pe. Dr. João Gualberto do Amaral.

A auspiciosa noticia da agregação de nossa Congregação à Prima Primaria, em Roma, tardou, entretanto, um pouco, só tendo sido recebida, em meio ao maior jubilo do Revmo. Pe. João e dos congregados, na reunião de 31 de Julho de 1910, à qual esteve presente o Exmo. e Revmo. Pró-Vigario Geral, nessa data, e que outro não era senão o hoje Eminentissimo Cardeal Dom Sebastião Leme.

PARTE 2.

AS CONGREGAÇÕES MARIANAS E OS SANTOS PADRES

Uma congregação, eis a grandiosa instituição estabelecida no seio maternal da Igreja, com a aprovação da Santa Sé, visando fomentar em seus membros uma ardentissima devoção, reverencia e amor filial para com a Santa Mãe de Deus, e, por meio desta terna devoção, afervorar-lhes os sentimentos religiosos, dar incremento à sua fé e virtude, e propagar a sua piedade.

Chama-se Prima Primaria a primeira congregação fundada no Collegio Romano, em 1563, pelo jesuita belga Pe. Leunis.

Foi a sua fundação o instrumento providencial de que Deus se serviu para glorificar a Virgem Santissima, salvar e santificar a mocidade esperançosa, ameaçada de cair nas garras do protestantismo.

O indiferentismo e o esquecimento de Jesus e de Maria já começavam a reinar entre os povos católicos; daí a necessidade de se formar uma associação desse genero para unir os fiéis, reavivando em seus corações a fé e o fervor dos primeiros cristãos, cuja divisa era "um só coração e uma só alma".

Germem de grandissimas virtudes a nascente instituição teve as bençams seguras do céu.

Chamando-lhe "escola de virtudes", não duvidou, pois, S. S. Gregorio XIII em dar-lhe existencia canonica pela Bulla "Omnipotens", de 5 de Dezembro de 1584.

De então por deante rapidamente se propagou e estendeu por toda a terra, formando em toda a parte excelentes cristãos e verdadeiros apóstolos.

Em todos os países, dioceses e paróquias, principiaram a aparecer congregações que, aperfeiçoando as almas, levaram-nas a honrar a Jesús e a Maria Santíssima.

S. S. São Bento XIV, na Bula de ouro "Gloriosae Dominæ", de 23 de Setembro de 1748, teceu às congregações os mais rasgados elogios, parecendo não encontrar palavras com que encarecesse e exaltasse os benefícios que delas promanam.

"E' incrível, disse Bento XIV, a grande utilidade que, para os homens de todas as condições, resulta desta louvavel e piedosa instituição."

Refere o Sumo Pontífice, a seguir, que uns perseveraram até o fim sob o patrocínio de Maria Santíssima, numa vida imaculada; outros, encontraram na congregação a força de se arrancarem definitivamente de uma vida pecaminosa, alcançando a graça de uma sincera conversão.

Finalmente outros, subindo os mais altos degraus da caridade divina, dedicaram-se generosamente, pelos votos da religião, à santificação propria e à salvação do proximo.

Não ignorando, pois, os frutos morais e sociais provenientes das congregações marianas, associações que, quando bem dirigidas, são para as paróquias uma fonte abundante de vida cristã e de solida piedade; não ignorando mais que elas são um meio eficaz para se obter a perseverança na fé e na virtude, pela frequencia dos Santos Sacramentos e pela pratica das boas obras, — foi que o Revmo. Pe. João deliberou instalar em sua amada paróquia a Congregação, cuja fundação comemoramos.

PARTE 3.

PRIMEIRA FASE DA VIDA DA CONGREGAÇÃO

Mons. Pereira Barros dirigiu a Congregação de Santa Ifigênia desde a sua fundação até o ano de 1919.

A direção espiritual de S. Revma., pelo espaço de uma década, corresponde à fase de formação e consolidação de nosso sodalicio.

Durante essa dezena de anos, exerceram presidência da Congregação os seguintes congregados: 1909 — Antonio Reimão Helmeister; 1910 — Carlos de Moraes Andrade; 1911 — Carlos de Moraes

Andrade (2.º vez, por aclamação); 1912 — Adelino Hermeto Gomes; 1913 — Durval Moraes D'Avila Rebouças; 1914 — Carlos de Moraes Andrade (3.º vez); 1915 — Francisco Nazareth de Vasconcelos; 1916 — Julio Reimão Helmeister; 1917 — Mario de Moraes Andrade; 1918 — Paulo de Abreu Leomil; 1919 — José da Silva Marret.

Todos os dignos congregados acima não pouparam esforços para levar avante o progresso da Congregação.

Sobresai, porém, na lista, o nome do congregado Dr. Carlos de Moraes Andrade.

Na pessoa deste congregado, recebeu a Congregação diversas provas da maior consideração, por parte da Autoridade Eclesiástica, e do meio católico de São Paulo; ora sendo o mesmo escolhido para intérprete dos sentimentos católicos da nossa população, em muitas solenidades públicas de manifestação e homenagem, ora sendo convidado para ocupar cargos de real destaque.

Haja vista a sua nomeação, pelo Exmo. Sr. Arcebispo, para Presidente do Circulo da Mocidade, na Confederação das Associações Católicas de São Paulo, em 1914, bem assim o convite a ele feito por S. Excia. Revma., para presidir o destino de outra associação de moços, a União Católica de Sto. Agostinho, em 1913, o que só não chegou a efetuar-se em virtude dos congregados ifigenistas terem reclamado a continuação do Dr. Moraes Andrade em nosso meio, cujo concurso consideravam imprescindível.

Anuiu o Exmo. Sr. Arcebispo ao vivo desejo dos congregados, e foi nessa ocasião que o nosso venerando Antistite, querendo aludir aos nossos trabalhos de apostolado, brindou os rapazes da congregação com os honrosos qualificativos de "mocidade brava e corajosa".

E' também ao antigo presidente desta Congregação, atraz citado, que pertence a primazia da idéa de uma Confederação de moços católicos (hoje feliz realidade com a Federação das Congregações Marianas), idéa essa que aventou no ano de 1914.

Mas, precisamos falar do Revmo. Diretor fundador da Congregação.

O Revmo. Pe. João manifestou sempre para com o nosso sodalicio um zelo e uma solicitude sem par.

Extremamente bom, afavel e carinhoso, mostrava-se S. Revma. um verdadeiro pai espiritual e grande amigo dos congregados, de cujos folguedos e alegrias fazia gosto em participar.

De uma ilimitada devoção para com a Virgem Imaculada, o Revmo. Diretor fundador sabia transmitir a seus filhos espirituais o imenso amor à Mãe de Deus que lhe abraçava a alma, fazendo germinar no coração dos jovens marianos as flores e os frutos das virtudes cristãs, moldando-os pelo sublime ideal moral, que é Nossa Senhora.

Nas frequentes exortações dirigidas aos congregados, era patente o solícito zelo do Revmo. Pe. João, a lembrar-lhes amiúde que não eram as distrações e os passa-tempos que deviam trazê-los à Congregação; ao contrário, que deveriam eles ter a mais perfeita compreensão de seus deveres de filhos de Maria, frequentando os nossos atos só no intuito de servir a Deus e a nossa Mãe Santíssima, buscando assim salvar a própria alma.

Ao aconselhar aos congregados que trouxessem para o seio da Congregação outros associados, recomendava-lhes S. Excia. Revma., com particular empenho, o máximo critério na escolha dos novos membros.

Deve-se notar que, em seu início, não dispunha nossa sociedade de uma sede apropriada para o atrativo dos congregados.

O único ponto de encontro que tinham para as palestras e tróças de idéias, à noite, era a área cimentada existente nos fundos da igreja.

E era nessa área, semi-coberta, que, utilizando-se de uma tosca mesa, só muito mais tarde melhorada, exerciam eles o único divertimento ali possível: o jogo de "ping-pong".

Isto, entre parêntesis, não impedia que a turma da Congregação se revelasse uma das mais exímias no manejo da "raquete", colocando-se em primeira plana nos campeonatos da Liga existente na época, onde tomavam parte turmas adestradas de outras associações de moços: a União Católica de Santo Agostinho, a Legião de São Pedro, etc.

Com tão poucos motivos de ordem material para atrair os moços, é explicável que a frequência aos atos da Congregação diminuisse, às vezes, sensivelmente.

Em 19 de março de 1911, o congregado Nazareth lembrou-se, por isso, de propôr a eliminação, após tres advertências, dos congregados que não comparecessem às reuniões e aos atos religiosos.

Consta de uma das atas que esta proposta suscitou calorosa polémica entre o proponente e o congregado Mario de Andrade, contrário a tal eliminação, e cujo modo de vêr foi apoiado pela maioria dos presentes.

Assim igualmente decidiu o Conselho da Congregação, em reunião subsequente, ficando deliberado não eliminar os congregados rebeldes, mas sim exortá-los a bem cumprir os deveres de católicos e congregados.

Se, no presente, é admissível que se encare este assunto de maneira diferente, entretanto, na época em que a Congregação ensaiava ainda os primeiros passos, urge reconhecer que não poderia ter sido mais feliz a resolução acima; dir-se-ia mesmo inspirada nos conselhos de Santo Afonso Maria de Liguori, o qual discorrendo em seu livro "Glorias de Maria" sobre as congregações, após falar no dever dos congregados em não se deixarem levar por nenhuma

preocupação de negócios temporais para se ausentarem da Congregação nos dias determinados (pois ali é que se trata o maior de todos os negócios — o da salvação eterna), acrescenta: "E procurem trazer quantos puderem à Congregação, fazendo principalmente que voltem a ela os que a tiverem abandonado."

Cuidando, por conseguinte, não afugentar as ovelhas arre-dias, o Revmo. Diretor fundador teve em mira tornar bastante suave aos congregados o cumprimento de seus deveres de marianos; à medida que se fazia sentir o seu progresso espiritual é que ia tratando de introduzir novas práticas piedosas.

Era, todavia, obrigatória para todos a assistência às missas da Congregação, aos domingos; bem assim a participação às reuniões e às comunhões reparadoras, para as quais fixara-se o 3.º domingo de cada mês, em louvor da Santíssima Trindade.

Dedicavam-se também os congregados, no correr do ano, à comemoração condigna das festas titulares de Nossa Senhora e de São Luiz Gonzaga.

Vem a pêlo lembrar que, no ról das primeiras deliberações tomadas na data da fundação deste sodalicio, figurou a de se organizar uma "schola cantorum", afim de abrilhantar as cerimônias religiosas.

A direção do referido corpo coral ficou a cargo do Revmo. Coadjutor, Pe. Fraissat, sendo que dele participavam todos os congregados.

Esse corpo coral logo deu provas cabais de um rápido progresso; haja visto que, tendo ocorrido a 2 de abril de 1910 a inauguração da Matriz nova, com toda pompa e gala, muito contribuiu para o maior brilho das solenidades, honradas com a presença do Exmo. Sr. Arcebispo, e eficiente "schola cantorum", que funcionou sob a regência do congregado Luiz Negrini. Ordinariamente, o grupo coral dos congregados fazia-se ouvir durante as missas próprias da Congregação, assim como nas résas da paróquia.

O cântico dos salmos em honra de Nossa Senhora, no ato da missa, o qual todos conhecem, foi adotado no ano de 1916.

Mas, retomemos o fio da exposição que estávamos fazendo.

Tivemos ensejo de aludir ao táto do Revmo. Diretor fundador da Congregação no sentido de ir paulatinamente introduzindo práticas novas, no terreno da piedade, à medida que se fazia notar o progresso espiritual dos congregados.

Assim é que, no tocante ao culto devido ao SS. Sacramento da Eucaristia, ha a salientar as recomendações que S. Revma. julgou oportuno fazer aos neófitos marianos por que comungassem em todas as datas de grande significação para a Igreja; daí o passarem a ser adotadas, como comunhões habituais da Congregação, as da 5.ª Feira Santa, do Domingo de Ressurreição, da festa de "Corpus

Christi", do dia consagrado ao culto dos mortos, etc., sem falar nas festas principais de Maria Santissima.

Assim é que se tornou igualmente de praxe, na Congregação, a adoração ao SS. Sacramento no tríduo do carnaval e na vigilia de 5.º para 6.º Feira Santa.

Ainda para infundir no espirito dos congregados mais exata compreensão de seus deveres religiosos, deliberou o Revmo. Diretor fundador ministrar-lhes aulas de catecismo superior, facultando-lhes tambem, por ocasião das reuniões, a exposição das dúvidas que nutrissem em matéria de religião.

Enfim, quando o momento já era propício, lançou o Revmo. Diretor fundador a idéia dos retiros espirituais anuais, no propósito de afervorar o espirito de piedade de seus dirigidos por meio de meditações adequadas, que os levassem ao exame de suas consciências à luz das verdades eternas.



Como se terá observado, vimo-nos referindo, rapidamente, nas linhas precedentes, àqueles atos de piedade, mediante os quais a Congregação hontem, como hoje, trata de despertar e desenvolver em seus membros o espirito de perfeição cristã.

São exatamente esses atos que formam o aspecto interno da vida de uma congregação mariana.

Todavia, ao lado desses atos, ha tambem os que constituem o aspecto externo da vida dos sodalícios dedicados ao culto de Nossa Senhora; e tal aspecto compreende as múltiplas obras de apostolado social a que se votam as congregações marianas, porisso que a finalidade de uma congregação, conforme se exprimiu o Revmo. Pe. Garagnani, S. J., não pode se limitar a reunir grupos de individuos em uma "capela privada", para que aí cumpram seus deveres de piedade, e adquiram uma sólida devoção à Virgem Santissima; a piedade e devoção marianas ulteriormente se dirigem à perfeição da vida e ao apostolado, pelo que as congregações marianas devem formar a alma apostólica de seus membros e exercitá-los nas lides do apostolado.

Pois bem, no segundo aspecto acima referido vêm se inserir a atividade intelectual e o influxo social exercidos pelos congregados.

Ora, sabedores de que, na luta contra os erros da impiedade e na propaganda dos princípios católicos, a palavra falada ou escrita é eficiente fator de reforma social, entregaram-se os nossos primeiros congregados, com particular interesse, ao estudo dos assuntos de caracter apologético, científico e moral, dest'arte "iluminando e exercitando a inteligência para os largos vôos nos anos futuros"; e, ao par destes assuntos, exercitavam-se tambem em outros de feição méramente literária ou artística.

As nossas crônicas registram vários trabalhos de uma e outra natureza.

No capítulo da sociabilidade, acode-nos ao espirito lembrar que não raro proporcionavam tambem os congregados agradáveis festivais, dedicados aos paroquianos de Santa Ifigênia, e aos amigos da Congregação, festivais estes que eram infalíveis nas datas de aniversario da Congregação e nos dias de natalicio do Revmo. Diretor.

Para maior lustre dos festivais da Congregação deliberaram os congregados formar um conjunto cênico, em cuja exhibições muitos deles revelaram seus excelentes pendores artísticos, p. ex., os congregados José Marret e Durval Rebouças.

Organizaram ainda uma escolhida orquestra, na qual vários outros puzeram em destaque sua competência musical.

Grandioso festival, que deixou memória em nossos annais, foi o promovido em beneficio das obras das Matriz, em 1909.

Como manifestação tambem da atividade social dos congregados, as atas de nosso sodalicio reportam-se, por outro lado, à participação deste em todos os atos de importancia para a vida católica paulistana; dentre muitos, folgamos em recordar, nesta breve resenha histórica, a estupenda cerimônia, em 1912, da colocação da imagem de N. Senhor Crucificado na sala das sessões do Tribunal do Jurí, nesta Capital, para onde se dirigiu um cortejo de milhares de pessoas.

A consecução deste "desideratum" foi obra da Congregação irmã de São Gonçalo, cujo presidente era o Dr. Luiz Tolosa de Oliveira e Costa.

São ainda dignas de nota as seguintes solenidades nas quais a Congregação teve parte saliente: os Congressos da Confederação Católica, efetuados em 1914 e 1916; a imponente procissão de encerramento do Congresso Eucarístico, em 1915, etc.

Ainda como realizações de alcance social, cabe outrosim serem citados: o combate contra as publicações imorais desenvolvido em 1911, combatê este renovado em 1928; e os enérgicos protestos formulados, ainda em 1911, contra os insultos lançados ao cléro.

Além disto, frizemos que foi desta Congregação que partiu uma bem fundamentada representação, da lavra do congregado Dr. Carlos de Moraes Andrade, endereçada ao Sr. Presidente da República, propugnando a admissão de capelães junto à armada brasileira.

No desempenho da caridade cristã, que mergulha suas raizes no solo fecundo da piedade, apontam-se vários empreendimentos salutareos da Congregação, como sejam as visitas aos encarcerados e aos enfermos.

Diversas vezes foi ela incorporada ao hospital dos lázaros (Guapira), em companhia do Revmo. Diretor, que ali celebrou o santo sacrificio da missa, distribuindo a sagrada comunhão, tanto

a visitados como a visitantes, havendo estes alegrado o ambiente com os cânticos sacros de seu repertório.

Finalmente, por ocasião da cruel epidemia de gripe que assolou esta Capital, em 1918, puderam os marianos ifigenistas patentear o zelo de seu apostolado cristão.

Foi um tenebroso período, durante o qual toda a população esteve sujeita aos maiores horrores; a classe pobre, sobretudo, teve naqueles dias as suas horas mais amargas.

Os poderes públicos, sentindo-se impotentes, apelaram para a Autoridade eclesiástica, que ordenou a mobilização das associações católicas de São Paulo.

Colocando-se imediatamente à disposição do Exmo. Sr. Arcebispo, a Congregação auxiliou enormemente, com os seus membros, no perímetro de nossa paróquia, aos denodados confrades de São Vicente de Paulo, dando exemplos magníficos de desprendimento, abnegação e espírito de sacrifício.

Aqui tendes, rememorados em pálidos traços, alguns fatos da vida desta Congregação, ocorridos sob a direção espiritual do estimadíssimo Mons Pereira Barros, a quem deve a paróquia de Santa Ifigênia os gloriosos surtos que experimentou durante o seu frutuoso ministério paroquial, quer no sentido material, quer, e principalmente, no sentido espiritual.

Deixou S. Excia. Revma. a nossa paróquia em fevereiro de 1919, sendo que na hora dolorosa das despedidas confundiam-se as lágrimas de comoção do estremecido Revmo. Vigário de Santa Ifigênia, com a de seus bemquistos paroquianos, mórmente dos marianos de Santa Ifigênia.

PARTE 4.

SEGUNDA FASE DA VIDA DA CONGREGAÇÃO

A segunda fase de sua história abre-se com a investidura do então Revmo. Pe. Dr. Gastão Liberal Pinto nas funções de Vigário da paróquia.

A direção de S. Revma., que se prolongou pelo espaço de onze anos e meio, corresponde à fase de ação intensa e de larga expansão da vida de nosso sodalício.

Temperamento enérgico, espírito empreendedor, foi notável a influência de S. Revma. quanto ao progresso da Congregação na senda da piedade, que é o santo amor de Deus, e na senda da virtude, que é a flôr da piedade cristã.

Durante a direção espiritual de S. Revma. ocuparam a presidência da Congregação os seguintes congregados:



Lembrança do jubileo de prata da Congregação -- Matriz de Santa Ifigênia -- 21 de Abril de 1934

1920 — Durval C. A. Ribeiro; 1921 — Paulo Dutra da Silva (1.ª vez); 1922 — José Carlos de A. Nogueira; 1923 — Aguinaldo Alves Ribeiro (1.ª vez); 1924 — José da Silva Marret (2.ª vez); 1925 — Paulo Sawaya; 1926 — Paulo Dutra da Silva (2.ª vez); 1927 — Paulo Dutra da Silva (3.ª vez); 1928 — Pedro Moncau Junior (1.ª vez); 1929 — Aguinaldo Alves Ribeiro (2.ª vez); 1930 — Pedro Moncau Junior (2.ª vez).

Nas mãos experimentadas de seu segundo Revmo. Diretor, foi nossa associação o instrumento de que S. Excia. se serviu para o incremento da piedade no meio da juventude estudiosa de nossa terra.

S. Excia. Revma. conseguiu realizar amplamente com este sodalicio o alvo de uma congregação mariana: formar apóstolos.

Na verdade, a vida de um bom congregado, como a vida de uma congregação, deve ser um apostolado contínuo, especialmente nos tempos modernos, em que a Igreja, com voz autorizada e insistente, convida o laicato a participar do apostolado sacerdotal.

Pois bem: vindo defrontar-se com um grupo de jovens penetrados de sua missão, cheios de fé e de ardor pela causa de Jesus Cristo e de sua Igreja, não foi difícil ao segundo Revmo. Diretor, com a eficácia de suas palavras e a força de seus exemplos, incentivar para as obras do apostolado, o animo resolutivo desses jovens, de coração e mente bem formados, mercê dos cuidados de seu primeiro Diretor espiritual.

E como é, sobretudo, pela ação da inteligência que o cristianismo poderá atingir mais facilmente a reforma social, foi uma das primeiras preocupações do Exmo. e Revmo. D. Gastão iniciar um curso de apologetica, para maior divulgação, entre os congregados, das bases de nossa fé; porque, realmente, é o conhecimento mais acurado de nossa religião e o manejo das armas apologeticas que fazem do cristão um combatente dístico e valoroso com que não de medir-se os adversarios de Deus e da Igreja Católica.

Ao mesmo tempo que o Exmo. e Revmo. D. Gastão tomava aquela salutar providencia, os nossos congregados, por outro lado, reconheciam a imprescindível necessidade de se impregnarem ainda mais do verdadeiro espirito mariano; para recrudesce-lo, pois, procuraram remediar a lacuna que já ha muito se fazia sentir, entre nós, ou seja, a grande carencia de "Manuais", o principal livro de cabeceira de cada congregado.

Merece encomios, neste particular a diligente ação desenvolvida pelo nosso congregado Dr. Paulo Dutra da Silva, de quem se pôde dizer, com toda a justiça, que foi o expoente maximo da vida de nossa associação em sua segunda fase.

Tanto assim que, pelas suas qualidades de incansavel obreiro da causa da Virgem Santissima, foi ele guindado quatro vezes à presidencia da Congregação, caso unico em nossos anais.

Além disto, a justificar tal conceito, concorre este expressivo fato: quando se fundou, em 1926, a Federação das Congregações Marianas de São Paulo, foi sobre a pessoa do congregado Dr. Paulo Dutra da Silva que recaiu a escolha para ser o primeiro presidente da mesma Federação, preferência altamente honrosa para a Congregação de Santa Ifigênia.

Algum tempo após o início do paroquiato do então Revmo. Pe. Gastão, entraram para o nosso sodalicio alguns elementos novos, que vieram por sua vez, contribuir de forma incalculavel para exaltar nossa Congregação à culminancia que atingiu, neste segundo periodo.

Folgamos em mencionar, desde logo, os nomes dos congregados Dr. Oscar Amarante e Dr. Paulo Sawaya.

Um e outro tornaram-se excelentes instrutores de candidatos, tendo dado a estas funções um extraordinario realce; de fato, foram ambos para os noviços causa de muita edificação, em virtude de seus piedosos exemplos e ensinamentos, baseados em ardente e sincera devoção para com Maria Santissima.

Os nomes destes congregados estão igualmente ligados a uma obra especial desta Congregação.

Referimo-nos ao Curso Comercial gratuito que, durante alguns anos, funcionou regularmente no andar superior do prédio onde funciona nossa séde.

Esta obra constituiu um inestimavel beneficio para os rapazes pobres que labutavam no commercio; o curso em apreço, ao mesmo tempo que preparava seus numerosos alunos nas materias apropriadas ao seu mistér, aparelhava-os tambem para resistir aos embates morais da vida, ministrando-lhes os ensinamentos de nossa santa religião, de que muitos nem tinham cogitado antes.

Alguns dos referidos alunos solicitaram espontaneamente o seu ingresso em nossas fileiras.

Além dos congregados acima citados, impõe-se-nos, outrossim, uma particular referencia, neste momento, aos congregados Prof. Ernani Macedo de Carvalho e Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira.

A recordação de seus nomes está associada à publicação do periodico mensal intitulado "O Mensageiro da Paz".

Originario da "Associação dos Amigos de Santo Antonio", instalada na Igreja de São Francisco (associação da qual o congregado Prof. Ernani havia feito parte) — foi em 1924 que aquele jornalzinho se tornou, com o beneplacito e o apoio do Revmo. Diretor, o órgão de nossa associação; por meio de suas colunas promoveram eficazmente nossos congregados a disseminação dos ideais católicos, opondo-se à ação nefasta dos inimigos de nossas crenças.

"O Mensageiro da Paz", publicou-se com regularidade até meados de 1926, ano em que interrompeu sua atividade para favo-

recer com o seu corpo de contribuintes ao nascente "Diario Paulista", que foi mais uma tentativa falha para a implantação de um diario católico entre nós.

Ocorrendo, em fins de 1927, a extinção do "Diario Paulista", tratou-se do reaparecimento de "O Mensageiro da Paz", para cujo alento deram o melhor de seus esforços os congregados Prof. Veiga dos Santos, Felix P. Bandeira, Dr. Fabricio de Barros e João Barone.

Todavia, dada a dispersão do contingente de cooperadores, cujas contribuições haviam sido carreadas para o "Diario Paulista", lutou o nosso jornalzinho com dificuldades para manter-se, até cessar a circulação em fins de 1931.

Vejamos, agora, outros pontos relevantes da vida da nossa Congregação, na segunda fase de sua frutuosa existencia.

São dignas de registro, entre outras, as seguintes meritórias atividades empreendidas neste periodo: 1.º) o gesto de humildade e caridade cristã de nossos congregados, tomando a seu cargo a cobrança da taxa municipal do curso carnavalesco, em beneficio do Asilo de Santa Teresinha, para preservação dos filhos dos leprosos; 2.º) a instrução da doutrina cristã ministrada aos detentos do Instituto Disciplinar, onde só num ano foram preparados para a primeira comunhão 50 internados; 3.º) o curso primario de alfabetização a que, nos altos da séde da Congregação, se dedicou, com bons resultados, um pugilo de congregados, etc..

Notamos que, no desdobramento desta despretençiosa resenha de fatos atinentes à vida de nosso sodalicio, já por duas vezes aludimos à séde da Congregação; desejamos consignar, de passagem, ter sido este um apreciavel melhoramento que devemos à bondade e à munificencia de nosso 2.º Revmo. Diretor.

Para esse fim, mandou S. Revma. adatar o salão existente nos baixos do sobrado anexo à Matriz, onde a referida séde foi instalada com sobriedade, mas com desejavel conforto.

Possuir uma séde, ainda que modesta, era uma velha aspiração dos congregados de Santa Ifigênia, que afinal puderam vê-la convertida em auspiciosa realidade.

Ocorreu este fato no ano de 1923, e veremos, a seguir, que o mesmo ano deve permanecer gravado nos nossos fastos em caractéres de ouro, em virtude de uma esplendida iniciativa que teve larga repercussão em nosso meio.

Assim é que, fundado na circunstancia de fazerem parte desta Congregação diversos estudantes das escolas superiores de São Paulo, resolveu nosso Revmo. Diretor lançar a idéia de, a exemplo do que se pratica em mais de uma nação civilizada do Velho Mundo, promover-se entre nós a Comunhão Pascal dos academicos católicos, congregando estes em determinado dia do ano, para "reunidos ao pé do altar, assim como se encontram juntos nas lutas

do espirito e da intelligencia", cumprirem em conjunto o 3.º mandamento da Santa Madre Igreja.

A idéia foi posta em execução pelo nosso sodalicio, e dest'arte realizou-se, em 1923, pela primeira vez no Brasil, a comunhão pascal da classe academica.

Foi a mesma precedida de um magnifico retiro espiritual, em preparação ao banquete eucaristico, retiro esse levado a efeito na matriz de Santa Ifigênia, de 23 a 26 de Maio, sendo prégador o culto e brilhante orador sacro Revmo. Mons. Manfredo Leite.

O retiro constituiu um grande successo, havendo a "Comunhão Pascal dos Academicos", ou, melhor, a "Festa das Almas" (como aprouve ao illustre prégador do retiro denominar a cerimonia de encerramento realizada a 27 de Maio), bem testemunhado os frutos alcançados por S. Excia. Revma. nas almas do avultado numero de jovens academicos que tinham acorrido para ouvir os seus eloquentes sermões.

Com extraordinario fulgor se efetuou o encerramento, tendo sido celebrante do Santo Sacrificio da missa, no impedimento do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, S. Excia. Revma. D. Miguel Kruse, de saudosa memória.

Foi um belo ato religioso, em que se pôde apreciar a attitude desassomburada de inumeros jovens estudantes dando publico testemunho de suas convicções religiosas.

A importante obra da Comunhão Pascal dos Academicos, de então por diante, proseguiu todos os anos, sem solução de continuidade; esteve sob os auspicios da Congregação até o ano de 1928, a partir do qual ficou a cargo direto da Federação das Congregações Marianas.

Tornou-se, portanto, uma praxe abençoada no meio das classes estudiosas, tendo sido o seu exemplo seguido, dentro de algum tempo, por varias outras classes sociais, masculinas e femininas.

Poder-se-á dizer que a Comunhão Pascal dos Academicos foi o primeiro passo decisivo, em nossos dias, para a penetração da obra mariana no ambiente dos cursos superiores, cuja mocidade "educada no regimen do desconhecimento total de Deus" sóe ser "calculadamente intoxicada de heresia e de impiedade pelas cáedras universitarias officiaes".

À attitude sectaria dos mestres ha a acrescentar ainda outros fatôres que tendem a conspirar contra a fé dos moços estudantes, a tal ponto que se poderiam aplicar com inteira propriedade ao nosso ambiente as expressivas palavras de Mons. Fournier.

Foram estas as expressões de S. Excia., visando a multidão dos jovens que, provenientes de todas as provincias da França, se dirigiam áquella cidade, afim de frequentar os cursos de medicina e cirurgia:

"A maior parte, escreveu o illustre bispo, compõe-se de católicos que receberam os principios de nossa Santa Religião nos colégios ou no convivio de suas familias, muitos trazem mesmo, com a innocencia de seus costumes, uma fé viva, esclarecida e pratica; mas os escandalos, de que são diariamente infelizes testemunhas, corrompem neles, bem cedo, os frutos da mais perfeita educação cristã.

Acovardados com o isolamento, entregues à propria fraqueza, começam eles a envergonhar-se das amaveis virtudes da infancia; tornando-se então timidos para o bem, eles se afoitam no mal, perdem aquele recato, aquella modestia, que no-los tornam tão queridos, e quando vêm a naufragar nos costumes, não tardam a sossobrar tambem na fé.

Então o estudo não é mais do que um pretexto favoravel às suas paixões.

Os cafés, os jogos, os espetaculos, os passeios enchem todos os seus momentos.

Divertir-se, corromper-se, arruinar-se, eis a occupação de toda esta brilhante juventude, esperanza da religião e da sociedade" ("Histoire et Légende de la Congrégation (1801-1830), par J. M. Villefranche — Science et Religion" v. 135-141).

Todavia, tão beneficos foram os influxos da obra mariana no ambiente universitário, entre nós, que, como consequencia desse trabalho apostolico digno dos maiores aplausos, pôde-se presenciar anos mais tarde este significativo quadro, quando da comemoração, em 1927, do 1.º centenario da fundação dos cursos juridicos: inumeros jovens, revestidos das insignias marianas, aproximando-se com fervor e piedade do altar eucaristico, durante a missa solene celebrada pelo proprio Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, em pleno pateo do tradicional casarão do largo de São Francisco.

Para perpetuar tão jubiloso acontecimento, foi pregada nas vetustas arcadas daquele venerando templo do saber uma placa de bronze com a seguinte inscrição: "AO CENTRO XI DE AGOSTO — OS MARIANOS ACADEMICOS DE SÃO PAULO —

"Viam veritatis elegi; judicium tua non sum oblitus".

Ps. 118-1827 — 11 de Agosto — 1937".

Ora, acabamos de vêr o brilhante êxito que bafejou a iniciativa da Comunhão Pascoal dos Academicos.

Pois bem, animado com o feliz successo de suas sugestões, mais uma feliz idéia foi aventada pelo Revmo. Diretor da Congregação, em 1925, a qual lhe foi despertada pela circuntancia da inauguração do monumento da fundação da cidade de São Paulo.

Propôz S. Revma. a realização de uma festividade annual, na data de 25 de Janeiro, em que se patenteassem, em torno daquele monumento, os sentimentos civico-religiosos de nossa população.

Essa festividade foi efetuada, pela primeira vez, a 25 de Janeiro de 1926; coroou-se também do melhor êxito e implantou-se definitivamente em nossos hábitos.

De fato, tem-se realizado, sem interrupção, desde aquela data, e neste ano (1934) atingiram as proporções de uma suprema apoteose pública as homenagens ali prestadas aos fundadores da vila de Piratininga, quando o povo se reuniu em massa no aludido local, para assistir à missa e às demais solenidades promovidas em virtude do 4.º Centenário do nascimento do Venerável Pe. José de Anchieta, o celebrado apóstolo das selvas e futuro santo brasileiro.

Estes singelos apontamentos vão-se desenrolando "pari passu" com os acontecimentos mais importantes da vida católica paulopolitana, sempre que tenham qualquer ligação com a história das associações marianas.

Por isto, urge lembrar, neste passo, quão altamente preponderante se revelaram, para o revigoração da vida dos sodalícios de Nossa Senhora, em todo o Estado de São Paulo, as festas comemorativas da passagem do bi-centenário relativo à canonização de São Luiz de Gonzaga.

Estas festas como se sabe, tiveram começo em 1926, e se estenderam até ao ano seguinte.

E é bem certo que as referidas comemorações vieram assinalar o início da extraordinária disseminação dos sodalícios marianos, não só nesta Capital, como no interior do Estado.

Dir-se-ia ter o angélico São Luiz intercedido junto a Deus Nosso Senhor, para que a Divina Onipotência se dignasse retribuir, por forma tão sublime, as piedosas homenagens que foram inspiradas pelo zelo apostólico do venerando Pe. José Visconti, S. J., 1.º Diretor espiritual da Federação das Congregações Marianas; trata-se das solenes homenagens que aqui tributaram ao Santo Patrono da juventude os seus fiéis devotos, esmerando-se em testemunhar-lhe o grande amor e a profunda veneração de suas almas puras.

Pois bem, para honra e satisfação nossas, cumpre salientar que se tão grande incremento teve, a seguir, a obra mariana entre nós deve-se aos congregados de Santa Ifigênia, quais docéis instrumentos da vontade do Altíssimo, remarcável cooperação para o nascimento das primeiras congregações irmãs aqui lançadas.

Em verdade, ainda que com prejuízo de sua própria vitalidade, não hesitou em desfalcá-lo de seus melhores elementos, destacando-os para irem cooperar com os Revmos. Vigários de diferentes paróquias, na instauração daqueles núcleos marianos que vieram a constituir a sementeira das florescentes congregações que, hoje, ostenta com santo e nobre orgulho a Arquidiocese de São Paulo.

De sorte que, da árvore robusta e frondosa, a cuja sombra benfazeja nos abrigávamos, foram se destacando virentes e viçosos ramos, e estes plantados em sólo dadivoso e fértil foram por sua

vez deitando raízes, erguendo o tronco e enfolhando-se em ramagens acolhedoras, a entreabrirem-se em flôres de virtude e de piedade e a cobrirem-se de frutos sazonados de vida cristã.

Aqui tendes as diversas vergontes desprendidas da árvore de boa estirpe crescida na igreja de Santa Ifigênia.

Congregações das Perdizes, de Santa Cecília, de Tucuruvy, de Casa Verde, de Santo Amaro, da Igreja de Santo Agostinho, do Convento da Imaculada Conceição, de Vila Pompeia, de Nossa Senhora da Saúde e do Ginásio Arquidiocesano.

E isto, note-se, sem falar em algumas congregações do interior, a cujas origens estão vinculados prestantes elementos saídos do nosso quadro de associados.

Aludimos antes às comemorações aloisianas levadas a efeito nos anos de 1926 e 1927.

Quando destas festividades em honra de São Luiz, nasceu a idéia de se realizar um Congresso da Mocidade Católica "afim de sacudir e virilizar a mocidade paulista da morbidez religiosa em que se acha", consoante o teor da proposta feita.

O Congresso aventado consumou-se na primavera do ano seguinte, de 1929, com grande brilho e esplendor.

E ninguém seria capaz de supôr que esse Congresso da juventude católica, de ambos os sexos, viesse a ter as proporções majestosas que assumiu.

O episódio é recente; assim, está bem gravado ainda na memória geral de como a nossa Capital foi surpreendentemente bafejada, naquela memorável época, por um vivaz sopro de espiritualidade, graças à realização do magnífico certamen, "septenario de fé e patriotismo" na feliz expressão do ilustre Dr. Vicente Melillo, M. D. Presidente do Congresso, por nomeação do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano.

O bendito septenário patriótico-religioso redundou, de fato, num incalculável ressurgimento do espírito, até então apático, da mocidade católica; haja vista o prodigioso desenvolvimento subsequente das associações marianas entre nós.

Para os trabalhos da secção masculina do Congresso foi franqueada a Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia.

Da sua parte, pôde orgulhar-se nosso sodalício com os esforços de seus filiados, para o feliz êxito daquele certamen, aliás, obra commum de todos os marianos com que então São Paulo contava; justo é destacar, porém, entre os nossos irmãos em Maria, a festejada pessoa do congregado Dr. Paulo Dutra da Silva.

É-nos também grato recordar que dois congregados de Santa Ifigênia, o que se acaba de nomear e o que redigiu estas notas, me-

receram a honrosa incumbência de presidir, em duas noites, aos trabalhos da secção feminina, transcorridos na Igreja de Nossa Senhora da Consolação.

Precedendo de algum tempo a efetuação do Congresso da Mocidade Católica, promoveram-se em diversas paróquias da Capital, à guiza de preparação para ele, semanas sociais marianas, cujos frutos foram esplêndidos; para algumas delas solicitou-se a colaboração dos congregados veteranos de Santa Ifigênia.

De novo, anos após a celebração do Congresso em apreço, vibravam em sublimes transportes de fé e amor os nossos sentimentos de fiéis devotos e humildes filhos da Virgem Santíssima; foi por motivo da passagem, em Setembro de 1926, do jubileu da soleníssima coroação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Partiram desta Capital, para levarem a Maria Santíssima os obséquios de amor filial dos moços marianos, cinco congregados nossos, que tomaram parte no importante Congresso Mariano que se realizou na Aparecida, em honra da Virgem Imaculada, ali proclamada a Augusta Padroeira do Brasil entre as expansões da mais acendrada devoção e do mais enternecido entusiasmo!

Discorreu com brilhantismo sobre uma das teses do programa o nosso congregado Ernani de Abreu, exaltando os merecimentos da Virgem Mãe de Deus.

Outros obséquios quiz ainda prestar a Congregação de Santa Ifigênia à nossa Mãe Santíssima.

Transcorrendo, em 1929, mais uma festa jubilar de Nossa Senhora, relacionada com a definição do dogma de sua Imaculada Conceição, promoveram nossos congregados um pequeno congresso em nossa Matriz, de 26 a 28 de Novembro do mesmo ano, entoando mais uma vez a Nossa Senhora nossos inesgotáveis louvores.

Excusa quasi dizer que em todos os empreendimentos que acabam de ser relatados, e que estão compreendidos na 2.ª fase da vida de nossa associação, esteve sempre a estimular nossos bons propósitos o ânimo resolutivo e a inteligência lúcida de nosso Revmo. Diretor, Pe. Gastão.

Acostumado a levar avante os seus generosos propósitos, é possível que o nosso estimado 2.º Revmo. Diretor lograsse converter em realidade mais uma sugestão lançada por S. Revma.; estimulavamos a empenhar ingentemente nossos esforços, colimando a construção de uma sede central para uso de todas as congregações marianas desta metrópole, meio único, ao vêr de S. Revma., de opormos eficaz barreira à propaganda tendenciosa de associações de moços avessas à nossa formação católica.

Pelo que foi exposto, pode-se avaliar com que mágua vimos despedir-se de nós, em Julho de 1930, o prezado 2.º Revmo. Diretor, pouco antes de ser nomeado para as altas funções de Pro-Vigário Geral da Arquidiocese.

5.ª PARTE

TERCEIRA FASE DA VIDA DA CONGREGAÇÃO

Com a posse, em fins de 1930, do querido Revmo. Vigário, Cônego Luiz Gonzaga da Silva, iniciou-se para a Congregação a terceira fase de sua existência; fase ainda curta, mas, como as anteriores, cheia já dos mais abundantes frutos.

Coadjutor outrora da paróquia de Santa Ifigênia, ao tempo do Revmo. Mons. Pereira Barros, o Revmo. Cônego Luiz Gonzaga teve assim ocasião de assistir ao desabrochar dos primeiros anos de vida de nosso sodalício. (1)

Conhecendo-o desde os primeiros passos, S. Revma. tem sabido dirigi-lo com segura orientação e perfeita proficiência, inculcando de continuo este triplice fundamento para as manifestações de sua vida de piedade e de ação católica: oração, espírito de sacrificio e frequência aos sacramentos.

A partir da posse do Revmo. Cônego Luiz têm exercido o cargo de presidente de nossa associação os seguintes congregados: Paulo Bohn Pardo (1931); Dr. Paulo Dutra da Silva (1932), pela 4.ª vez; Candido Rocha Melo (1933); e, neste ano jubilar, Francisco Daniel Trivinho. (2)

Ao lado de suas congêneres, hoje tão numerosas e em franco progresso, continua a nossa Congregação a sua róta brilhante, a emular tanto pelo seu passado, quanto pelo seu presente, a operosidade de suas irmãs mais novas.

Mantendo com elas estreita e comum colaboração, através do órgão centralizador que é a Federação das Congregações Marianas, ufana-se a nossa Congregação de participar, com disciplina e realce, de todos os movimentos marianos de ordem geral, como p. ex. os retiros reclusos e as concentrações marianas, que com tanto êxito se vêm realizando.

Da parte de nossos congregados tem encontrado também a mais decidida colaboração a recente obra da Adoração Noturna ao SS. Sacramento, — prova de extraordinário amor e de sublimada adoração à SS. Eucaristia, causa de todos os bens e fonte de todas as consolações.

(1) — Ao serem lidas estas notas, na sessão comemorativa das bodas de prata da fundação deste sodalício (21-4-1934) ainda não passamos pela desventura da perda do saudoso e para sempre pranteado Revmo. Cônego Luiz Gonzaga da Silva.

(2) — O jubileu da Congregação é o de que trata a nota precedente. Presidentes posteriores: Francisco D. Trivinho (1935), pela 2.ª vez; Casemiro Maykot (1936-1937); Samuel Braga Ferrão, (1938-1939); Dr. Arlindo J. Velga dos Santos (1940).

No que concerne ao papel desempenhado pelo nosso modesto "Centro de Estudos", vem a diretoria da Congregação desvelando-se no preparo intelectual de seus membros; ultimamente têm os centristas se dedicado, sob a competente direção do congregado Francisco Daniel Trivinho, ao conhecimento da doutrina católica em face dos problemas sociais, cuja investigação, agora mais do que nunca, se impõe aos espíritos estudiosos.

Também na observância escrupulosa das diretivas da Santa Madre Igreja, não descuraram nossos congregados o cumprimento de seus deveres de ordem política, a bem de nossa Religião e de nossa Pátria, quando recentemente se fez sentir essa imperiosa obrigação.

Devem-se aos seus esforços os resultados colhidos pela Junta Local de Santa Ifigênia, da Liga Eleitoral Católica, quando do alistamento para as eleições de deputados à Assembléia Constituinte, na qual como é sabido, pôde figurar, com esmagadora maioria de sufrágios, o ilustre mariano da Congregação irmã de Santa Cecília, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, digníssimo representante do genuíno pensamento católico paulista na Câmara legislativa.

E' um exemplo muito eloquente, este, de quanto pôde e vale a ação disciplinada e coesa dos católicos!

Eis expostos, em períodos escritos sob a pressão angustiosa do tempo, vários fatos da história de nossa Congregação, nas tres fases de sua existência até este instante, de onde decorrem os títulos de benemerência com que ela se apresenta, para merecer as áuras de vossa consideração e simpatia.

A sombra benfazeja da Congregação, sob o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição e de São Luiz de Gonzaga, centenas de congregados, atualmente pertencentes às mais diversas categorias sociais, têm completado a sua formação espiritual, aprimorado suas virtudes e desenvolvido suas faculdades, ao longo do quartel de século que a Congregação acaba galhardamente de vencer.

Têm nossos congregados sabido honrar, com lustre e garbo, o título que lhes é muito caro, de filhos de Maria Santíssima, no desempenho de suas diferentes vocações: no sacerdócio, no direito, na medicina, na engenharia e no comércio.

Santo Afonso Maria de Liguori escreveu que "um congregado de Maria pôde dizer que foi da Congregação que lhe advieram todos os bens".

Sobejas razões terá cada congregado de Santa Ifigênia para, com o seu testemunho pessoal, confirmar o acerto de tão sábias e confortadoras palavras!

Em abono do que afirmámos, vamos cometer a indiscrição de trazer ao vosso conhecimento dois depoimentos bastante expres-



Recordação da visita, à Congregação, de D. Vicente de Paulo, O. S. B. (nosso antigo congregado Dr. Alvaro de Oliveira Ribeiro), em 19 de Setembro de 1937

sivos, oriundos de dois exemplares congregados: um o de Alvaro de Oliveira Ribeiro, hoje D. Vicente de Paulo, monje beneditino.

Quando este nosso congregado se preparava para receber as sagradas ordens, dirigiu-nos ele, a 15 de Agosto de 1929, do Convento de Maredsous, na Bélgica, estas linhas:

"Congregação Mariana de Santa Ifigênia! Não exagero dizendo que devo a ela a graça inapreciável de fazer hoje parte da milícia de Cristo.

Quem aqui me trouxe foi Nossa Senhora, e aprendi a amá-la na Congregação da Imaculada Conceição

Quando lanço os olhos no passado, vejo que marco foi, em minha vida, meu ingresso, em 1920, na Congregação de Santa Ifigênia, onde, com a graça de Maria, não podia deixar de receber também a mais salutar influência, convivendo com congregados como os Dutra, Amarante, Durval, Cipullo, Moncau, Cibella, e tantos outros cujo nome não me ocorre.

Lembro também as sábias exortações de nosso zeloso Diretor e amigo Padre Gastão.

Eis porque sou grato, gratíssimo até as lágrimas, à Congregação de Santa Ifigênia, pelo bem imenso que me causou, bem que só agora posso compreender e avallar."

Este é um dos depoimentos a que nos referimos; o outro devemos-lo a Oscar Amarante, cujo nome já tivemos o prazer de declinar anteriormente.

Participando-nos este nosso congregado a infausta notícia do falecimento de sua querida e santa mãe, ocorrido em Poços de Caldas, a 5 de Junho de 1929, eis as expressões unidas de rara conformidade cristã que, afogando o pranto, nos endereçou ele, quatro dias após o doloroso trespasso:

"E longe, meu amigo, iria eu, regando essas linhas com as minhas lágrimas.

Minha missão espinhosa agora está cumprida: trazer esta notícia tão triste aos congregados, meus maiores amigos na vida de mocidade.

Em Maria Imaculada encontrei uma terna Mãe que me conservou no bom caminho; nos congregados, generosos irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo, que com seus exemplos me estimularam a nunca ter dado desgosto ou envergonhado com meu procedimento minha saudosa e querida mãe, que Deus nos arrebatou!"

Contemplando satisfeitos um passado brilhante, cheio de realizações para a maior glória de Deus e de Sua Mãe Santíssima, portanto, para a exaltação da Igreja Católica, os congregados de

Santa Ifigênia rendem, nesta hora, infinitas graças a Deus, pelas preciosas e abundantes bênçãos derramadas, mediante a intercessão da Virgem Imaculada e de São Luiz de Gonzaga, sobre a nossa querida Congregação.

E volvendo, agora, à nossa Santa Padroeira e ao nosso angélico Patrono, nossos olhos suplices, assumimos nós congregados o compromisso de, pelo futuro a dentro, corresponder com abundancia e fidelidade de coração aos benéficos influxos da graça, honrando as gloriosas tradições desta Congregação, advindas de seus vinte e cinco anos de serviços prestados à causa de nossa Santa Religião, para o bem e para a felicidade da Família, da Sociedade e da Pátria!

LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO!

SALVE MARIA!

Aguinaldo Alves Ribeiro